

QUARTA-FEIRA
Lisboa -- 25 de Fevereiro de 1931

ESTRELA
OS TÓIS

5.º ANO

Este numero foi visado pela Comissão de Censura

249



sempre
fixe semanário
humorístico

Propriedade
RENASCENÇA GRAFICA
S. A. R. L.
RUA LUZ SORIANO, 43

DIRECTOR E EDITOR
PEDRO BORDALLO

Administração
REDACÇÃO E OFICINAS
TEL. 20271, 20272, 20273
RUA DA ROSA, 57



As novas jolas da corôa de Espanha



Os ditos da semana



Charlot Ha dias, o nosso colega «Republica» — colega porque é jornal e não porque seja humorístico — anunciava a chegada de Charlot.

Ninguém o sabia e, porque a notícia parecia extraordinária, pouca gente acreditou nela. A notícia, porém, acha-se absolutamente confirmada por telegrama de Londres.

Vem aí o Charlot. Traz o seu chapéu de coco, a sua bengalinha de raiz de bambú e os pés para fóra como costuma mostrar-se nas fitas.

No dia em que ele chegar, vai ser um delírio. Lisboa inteira ha de querer prestar as suas homenagens ao Rei do Riso e para esse efeito se organizará um grande cortejo, a frente do qual cavalgará o sr. Ribeiro de Carvalho. E o Charlot desembarcará no Terreiro do Paço, com aquele passo miudinho com que passa nas fitas e a multidão boquiaberta ficará passada ao vêr que o idolo dos cinefilos de palmo e meio não passa dum homem como os outros, porque isto de artistas de cinema, imperadores, reis e directores de bancos, só tem o prestígio que lhes empresta a distancia que os separa de nós. Desde que entre eles e nós não existe pelo menos um continuo, um mordomór, ou um continuo já a gente lhes não acha graça nenhuma, nem nenhuma superioridade.

No dia em que nós poderemos andar á pançadinha a um testa coroadá, — seja ele Julio Cesar, Napoleão, ou o rei da Madureza — adeus pergaminhos monarchicos. Foi-se tudo por agua abaixo.

Ainda nos lembramos da vinda de Max Linder a Lisboa. Max era o idolo das plateias desse tempo. Tinha mais admiradores do que hoje tem a Greta. Pois foi uma desilusão.

—PE... Então aquilo é que é o Max Linder? Ora, ora, e até fala como a gente.

E assim perdeu Max Linder o seu publico. Toda a gente dizia:

—Ora o Max. Eu já o vi de carne e osso...

E velha pecha da raça, quem aparece perde o encanto. Por isso o D. Sebastião que era um finório, se quiz conservar um culto na alma nacional, desapareceu em Alcaccer Kibir para todo e sempre.

Palpita-nos que o sr. Ribeiro de Carvalho desgraçou Charlot.

Mandar Portugal é um paiz onde todos mandam. Uns duma forma, outros doutra, mas todos mandam. Mandam os de cima e mandam os de baixo. Uns mandam de manhã, outros mandam á noite, mas sempre mandam, porque ninguem se resigna a ser mandado toda a vida.

Aqueles que não conseguem um lugar de director de companhia, de chefe de repartição ou de policia sinaleiro e não podem portanto mandar, resolvem a questão casando, para mandar na mulher, por isso já lá diz o poeta: — oh! gloria de mandar, oh! vã cubiça!

Em todo o caso, uma classe havia em manifesto estado de inferioridade — a dos continuos.

O continuo foi feito para obedecer, para ser mandado:

— O' Lopes traz um copo dagua. O' Lopes, dá cá o processo. O' Lopes leva isto. O' Lopes traz aquilo. O' Lopes, tinta. O' Lopes, papel. O' Lopes fecha a porta. O' Lopes, abre a janela...

Mas o Lopes desforra-se. O Lopes arranja um lugar de porteiro num teatro e agora manda ele:

— Não pode entrar. Não pode passar. Não pode fazer barulho. Vá pôr o guarda-chuva no bengaleiro, tire o chapéu, etc.

E é mandar, é desforrar-se em dois intervalos, dum dia inteiro de escravidão, de subserviencia.

E eis aqui porque os porteiros de teatro saem quasi todos da laboriosa e honrada classe de continuos. E' que todos querem ter a sua hora de mandar.

Um pedido Ha nos carros electricos um papeliinho que diz assim:

«Se alguma janela aberta o incomoda, peça ao conductor para a fechar.

Neste inverno rigoroso que vai correndo, mil vezes temos lançado mão desse expediente.

O peor é que, no momento de sair do carro, as pneumonias estão á espera para nos atacar, de cumplicidade com o guarda-freio que, porque é encalmado, leva a janela de frente inteiramente aberta. E enquanto a gente sai, entra o vento. E enquanto a gente vai para deixar o carro, vem uma constipação que nunca mais nos deixa. E' um golpe de ar peor do que um golpe de navalha.

Não poderia o sr. Director Geral de Saude proibir que se abrisse aquela janela, quando vai aberta a corrente?

JORGE COLAÇO



Imagem tirada dos arquivos da colecção. Tem tanto valor, que o mesmo nos mostra, em termos simples, como os de Santa Teresinha de Lisboá, cuja duplificação alcançou um formidável exito.

A causa Dizem noticias de Paris que Amador Rebelo se mostra arrependido, prometendo não fumar mais e só comer uma vez por dia.

Naturalmente atribui a responsabilidade dos seus actos ao abuso do tabaco. E' o principio da regeneração. Quanto a comer uma vez por dia, talvez seja apenas obediencia á força das circunstancias.

E' sempre assim. As pessoas de muito alimento acabam sempre por arruinar o estomago e ficar, como se diz em baixo calão, á paz de pirula.

sempre
fixe

Expediente Não tem. Como jornal serio que é, não vive de expedientes. Em todo o caso cobra as assinaturas á razão de:

Continente e ilhas...	Ano:	26\$00
	Semestre:	13\$00
	Trimestre:	6\$50
Colonias portuguesas...	Semestre:	15\$00
	Ano:	30\$00
Estrangeiro.....	Ano:	34\$00

N. B. — O nosso jornal não tem cobrador para as assinaturas. O leitor inteligente percebe logo que as mesmas são pagas adiantadamente.

Insisto, insisto, agora, é por tabela.

TEATRO

«RETROZ PRETO...»

CONSTOU ao *Diario de Lisboa* que um distinto escritor e jornalista, que conta bastas reportagens internacionais, sua esposa, uma brilhante poetisa, e um dos nossos maestros que muito tem trabalhado em prol da opera portuguesa, estão escrevendo uma *ferie*, com destino á maior das nossas casas de espectáculo.

Trata-se (*branco é, galinha o põe...*) de Antonio Ferro, Ferranda de Casiro e Ruy Coelho.

O *Sempre Fixe* completa esta noticia dizendo que o sr. dr. Ramada Curto se estreia nesta peça como critico...



POR causa das moscas... o Emau já começou a ensaiar uma revista que como não podia deixar de ser, é arranjada por Carlos Rodrigues de Magalhães...

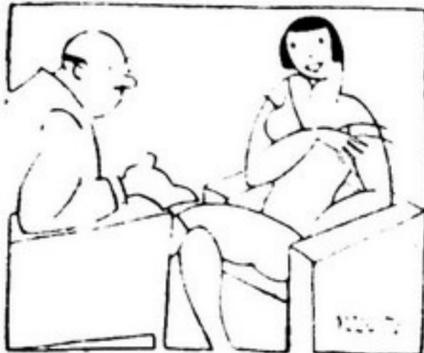


O Sr. Prior estreia-se brevemente no Trindade.

O protagonista deve ser certamente feito por Chaby Dinheiro, porque ele é que é o prior daquela freguesia...



NO Nacional vai representar-se



— Em toda a minha vida sómente conheci duas mulheres realmente bonitas.
— Sim?... E quem era a outra?...



— Vamos ver aquele homem que foi apanhado, papa?
— Não ligues importancia; mais adiante veremos outro.

a peça do sr. dr. Alfredo Cortés, *Domus*.

Diremos: *Domus... tecum* para que a peça seja bem recebida!...



SEM comentarios:

«O actor Rafael Marques saiu mais uma vez da companhia Ilda Stichini, tendo recolhido á sua casa de Santarém.»



A companhia que estava no teatro Maria Vitoria, a proposito de tudo e de nada, reuniu-se em certos banquetes de confraternização que a empresa oferecia aos seus contratados. Reinava a paz e a «conião»... A exploração singrava num mar de rosas. E os artistas caíam nos braços uns dos outros, com a barriguinha cheia e o olho luzidio de amizade e «fraternidade».

Eis então quando, nas vespuras de ir para o Porto, a companhia dissolveu-se, com grande esparto de toda a gente. Menos nosso. Era de esperar! Já ha mais de 15 dias que a empresa não dava um jantar aos artistas!...



CONSTA que o brilhante tradutor Alvaro de Andrade vai escrever, desta vez, sózinho, uma revista, para ensinar como elas se fazem...



VAI para o Maria Vitoria a companhia Maria das Neves, que se estreia com a revista *Zac-traz-paz*. Excepcionalmente, quem faz o *compere* é o actor Carlos Leal...

EMFIM, estão reconciliados. Ramada Curto passava no largo do Directorio, quando se cruzou com o Antonio Ferro, que vinha em sentido inverso.

— Olá, Ramada!
— Meu querido Antonio!
— Você tem muito talento! — disse o critico.

— E eu que o diga! — comentou o dramaturgo.

Oscularam-se na face. Abraçaram-se. Juraram um amor eterno. E, por fim, despediram-se:

— Adeus, Ramada!
— Até á proxima, Antonio!

E cada um seguiu o seu caminho em sentido inverso...



PARA o Apolo anunciam-se, para seguir á *Feira da Luz*, três revistas. Uma, *Toma, Teresa...*, de Fernando Ferreira, Amadeu do Vale e Manoel Proença; outra, o *Fado da Severa*, cujo primeiro quadro se passa na Mouraria, de Ascensão Barbosa, Abreu e Sousa, Carvalho Mourão e Alberto Barbosa; e ainda outra, *Fado da Mouraria*, de Xavier de Magalhães, Lourenço Rodrigues e Alvaro Leal.

Três revistas ao mesmo tempo não pode ser. Deve ser com certeza uma revista só original destes dez autores.

Isto, sim, pode ser, e até é muito vulgar...



VAI representar-se, no Politeama, a peça Inglesa *Ultima Jornada*.

Oxalá não seja a ultima jornada dos «Artistas Associados»!...



AFINAL, a companhia do Ginasio...

... Até custa acreditar que, com uma direcção tão boa, tivesse acabado...



FOI convidado a dirigir três diários, cinco companhias, seis semanarios, sete associações, oito institutos de beleza, nove produções cinematograficas e dez parcerias de revista — o nosso querido camarada Erico Braga, *double* de actor, escritor, etc., etc., etc. (Tantos electras quantos quizerem).



O verde é cor de esperança!...

Mas os artistas Amelia Rey Colaco e Robles Monteiro, como já perderam a esperança, vão mudar a cor dos reposteiros do teatro Nacional...

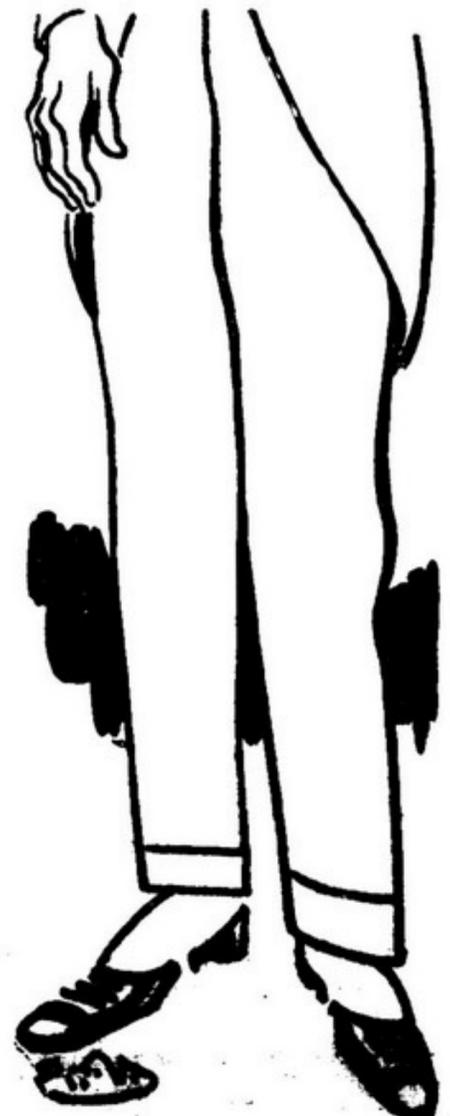


O que fazem as ralações!...

O actor Samwel Denis, que era a pessoa gorda e anafada que todos nós conheciamos, desde que é director de scena do teatro da Trindade, e devido ás preocupações que o seu cargo lhe dá, tem emagrecido a olhos vistos.

Quando contrascena com o seu colega Chaby — o Samwel até parece o pára-ralos do *Marim's*, ao lado da *garrafa aerea*...

O HOMEM DE TODAS AS HORAS



(Continua no proximo numero)

Falar com propriedade...



— Não te deixas cair e chegas á agua?
— É verdade... E ainda não o paguel. É o que se pode chamar a dívida flutuante...

A primeira vaga

Num belo dia, pleno de sol e moscas, o Pinto da Trafaria, que é danado pelo fadinho, resolveu, a conselho da sogra, ir trabalhar.

Houve, claro está, grande rego-sijo na família, lágrimas de co-moção e ais de ternura da so-peira...

E o avô do Pinto, todo ancho, como quem vê grandes distancias, filosofava:

— Oh! o rapaz vai longe!

O velhote acertara. Passados dias, o Pinto transportava-se a cavalo, para Cacilhas, onde ficou em casa duns parentes, até arranjar colocação.

Moveram-se empenhos, apre-sentaram-se habilitações e, ao fim dum mês, o dono dum importante estabelecimento de coiros declara-va ao pretendente que não tinha lugar na ocasião, mas que na primeira vaga o mandaria chamar.

O Pinto, ao ouvir esta resposta, olhou o Tejo e lembrou-se de, quando menino e moço, o banhei-ro lhe dizia:

— O bebé já mereulha, na pri-meira vaga...

E vai lá a casa paterna.

Mais pedidos, mais coisas e tudo como dantes... Passados três anos, o Pinto estava á espera da primei-ra vaga em quasi todas as casas comerciais da capital, provincias e ilhas adjacentes.

E assim vivia o Pinto da mes-ma esperança de que se alimenta, actualmente, metade da popu-la-ção do globo terrestre.

Mas, enquanto esperava, enuiu-vou e apaixonou-se, logo em se-gunda, para matar tristezas, por uma formosa menina de C. parica.

Depois do nójo, apressou-se a ir pedi-la em casamento. Decepção: o papa da Irene declarou que eia já tinha noivo — o Fernando — e d'aí o impedimento.

Então, o Pinto, transformado em galó, deu a entender que não se lhe dava de casar com uma das manas.

— Impossível! — respondeu o pai Carneiro — Todas as minhas fi-lhas teem noivo.

O Pinto fechou o bico, enguliu em seco, ficou mesmo com gô-s-ma, e saiu.

Já na escada, ouviu, porém, o Carneiro, a observar-lhe:

— Olhe, amigo, na primeira va-ga, mando-o chamar.

E o Pinto ia vivendo, esperan-çado na semana dos nove felizes dias... Dir-se-lia ur. Jacob, embora menos exigente, pois se contenta-va com qualquer das manas da Irene.

O tempo correu e o Pinto deu á casca: baixou de temperatura...

A Mundial fez-lhe o enterro, mas quando o caixão ia a entrar no cemiterio, o coveiro hamletado mandou fazer alto e gritou, a her-culeos pulmões:

— Não pode entrar mais nin-guem. Não ha covas!

Indignação de todos os func-bres circunstantes.

— Então o que ha de fazer o morto? — perguntou o cangalhei-ro furitundo.

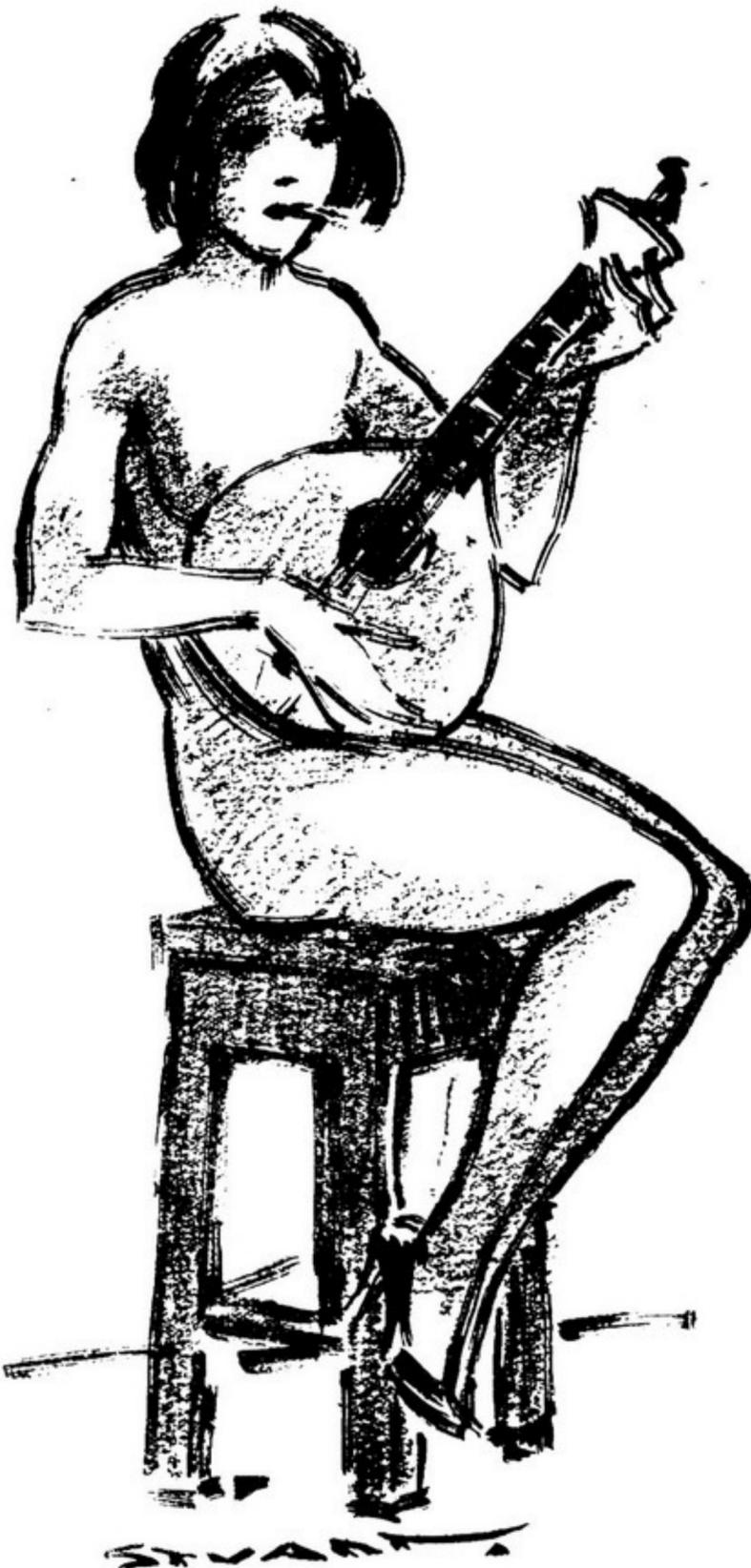
E o coveiro, em ultima resposta, voltando as costas ao prestito, disse:

— O que ha de fazer? Esperar pela primeira vaga!...

IVINHO.

Vai o cristão p'ra igreja
Vai o eleitor p'ra urna
Vai o vadio p'ra furn.
O guerreiro p'ra peleja
P'ro mercado a colareja
E eu vou dizer aqui
O que ha pouco descobri:
A' noitinha, mesmo á tóa,
Onde vai meia Lisboa
E' p'ra Ginginha Rubi.

**R. Barros Queirós, 27
LISBOA**



O Fado nu... e cru.

Graça dos outros

Ela: — Acreditas nas enfermida-des hereditarias?

Ele: — Desde que soube que tua mãe era muda, não!...

— Pode trocar-me estes cinco escudos?

— Possó! Como quere que os troque?

— Por uma nota de cinquenta...

— Porque gostas muito de ani-mais?

— Porque nunca se metem a fa-zer perguntas!...

— Minha mulher e eu somos um, tão amigos somos!

— Pois eu e a minha somos dez.

— Dez?!
— Sim, eu sou o um e eia é o zero...

— Antoninho, queres dar-me um beijo?

— Deante de seu marido, não!

A mulher: — Fôste tu que vol-taste o retrato de minha mãe pa-ra a parede?

O marido: — Porquê? Estragou o papel?...

No quartel:
O oficial: — Porque não páras quando digo: — Pelotão, alto!

O recruta: — E' porque eu, meu tenente, não sou Pelotão; chama-me Abraão e não gosto que me ponham alcunhas...

A patrão: — Esta manhã vi-a abraçada a um homem! Era o leiteiro ou o correlo?

A criada: — Que horas eram?... Oito ou nove?...

Numa conferencia:
— Não compreendo porque não gostas do conferente! Oba que é um orador extraordinario! Ha quatro horas que está falando...

— Precisamente por isso! Recor-da-me a minha mulher..

Cacharolete

Pelo Maxim's, apinhado,
Andava uma pastorinha,
Que mal de pé se mantinha
P'lo muito cup emborcado.

Quando a pastora dançava,
P'lo muito cup ingerido,
A custo se equilibrava
Sôbre o parquet tão polido.

Até que numa das valsas
Se estatelou de repente,
Mostrando a pastora á gente
Que não tinha posto calças.

Sob a masc'ra de setim,
Diz a alguém que a levantou:
— «Que desastrada que eu sou!
Já viu uma coisa assim?..»

E o outro de responder
A' desastrada pastora:
— «Já vi, sim, minha senhora...
Mas é sempre com prazer!..»

JOAO FERNANDES.

Ao campo da Aviação
fui no sabado parar,
p'ra vér o Carlos Bleck
apar'cer-nos pelo ar.

Meia Lisboa caiu
na pitoresca Amadora,
e aclamou os dois rapazes
e a maquina voadora.

O Bleck e mais o Cruz
mereceram na verdade
as palmas e os louvores
com que os recebe a cidade

Pagaram á sua custa
essa fragil passarola
em que foram de Lisboa
até ao centro de Angola.

Depois, em vôos bonitos,
sem o auxilio do Estado,
vieram p'lo ar ao campo
donde tinha a descolado.

A razão porque eu admiro
os dois bravos rapazinhos
é por terem feito tudo
sem a ajuda dos visinhos...

O HOMEM DOS TIMBALES.

Um dia, passeando, alegre e descuidado,
A' beira dum jardim,
Toquei uma mulher de olhar açucarado,
A rir-se para mim.

Tornei logo para traz e sentei-me ao de leve
No banco em que eia estava;
Tomei-lhe com carinho as suas mãos de neve
E disse-lhe que a amava.

No humido carmin dos labios sanguinosos,
Da petiza gentil,
Espetel cinco ou seis beijinhos amorosos
E depois... mais de mil.

Senti no corpo todo uns certos fornicoques
E abracei a formosa...
Mas eia respondeu: — «Ai filho, não me toques,
Não vês que sou nervosa?!»

Depois acompanhei a palida donzela:
A casa da mamã.
Subi a escada, entrei e fui ao quarto dela...
E acordei de manhã...

Emfim... meti-me em boa! E vejam lá... (às vezes
Sempre ha cada sarilho...)
Que aventura fatal! Passados nove meses,
Zás... deu á luz um filho!

REI DO PARNASO.



— Veja lá que carne me vai dar.
— Para a menina dou-lhe sem-pre do que tenho de melhor...

Radio-Parede

Diz a sagrada Escritura
que Deus, santos e profetas
fizeram grandes milagres
que são verdades, não pétas!

Pois a luz saiu da treva,
Adão do barro moido,
dum osso nasceu mãe Eva,
que era enfeite do marido.

E que, tocando na gaita,
o Josué, sem ter dó,
rebentou co'a parede
dos fortes de Jericó.

E, levantando a mãosinha,
disse ao sol: — «Tens que parar,
deixa ganhar a batalha
e depois... vai bugiar!»

E procurando agua fresca
para fazer capilés,
numa rocha da parede
bateu co'a vara Moisés.

Rebentou tal jorro d'agua,
tão abundante e tamanho,
que todos se saciaram
e depois tomaram banho.

E que o valente Sansão,
entre as façanhas adrede,
colheu trezentas raposas
num buraco da parede.

Não tomou o avião
por não poder descolar,
mas no ventre da baleia
o Jonas foi viajar.

Podia pôr em relevo
outros milagres de então
mas não quero e não devo
fatigar vossa atenção.

Verdades só são verdades!
Vade retro, Satanaz!
mas o maior dos milagres
como tu ninguém os faz.

Porque ninguém da parede
fez o milagre excelente:
tirar sons metódicos
que delectam toda a gente.

Por isso te considero
o mago das maravilhas
que, entrando por toda a parte,
alegras a mãe e filhas.

E até diz qualquer dama,
sem mesmo saber quem és:
— «Ai filho, que bem que falas!»
e morre doida a teus pés.

Por isso eu te dedico
o meu assombro profundo;
tu és santo, és milagreiro,
o maior que houve no mundo.

Agora, diz minha sogra,
com um amargo sorrir:
— «Deveria este leite
ha mais anos existir...»

«Que força! Que aparelho!
Que resiste á chuva ao vento!
Feliz homem que possui
um tão belo instrumento.»

Terminou com um desejo,
no qual bem ninguém penetra:
— «Deus lhe conserve o seu posto,
com potencia e etc.»

CUNHA JUNIOR.



— É a que lhe posso mostrar
pela frente. Mas, se não gosta,
posso mostrar-lhe a rectaguar-
da...



— Olha José, vê se dás um geltinho e salvas a minha mala!

Elevador da Gloria

Companhia dramatica na pro-
vincia:

O primeiro artista, nos basti-
dores: — Ouve... parece que o publi-
co está agora a aplaudir alguém.

O segundo artista: — E' o em-
prezario! Está a dizer que inter-
rompe a representação e que de-
volve o dinheiro aos especta-
dores...

Na rua, de madrugada:

O transeunte: — Estas horas são
intempestivas para pedir esmola!...

O mendigo: — Intempestivas pa-
ra a dar, quererá o senhor dizer!...

No tribunal:

— Quantos anos tem?
— Cincoenta!
— Solteiro ou casado?
— Casado ha trinta e cinco
apos!

— Tem tido desgostos com sua
mulher?

— Nunca! Deixei-a na Africa no
dia seguinte ao do nosso casamen-
to e continua lá. Temo-nos dado
sempre perfeitamente...

Tratando do divorcio:

O advogado (com severidade):
— A senhora cometeu uma falta
gravissima!

A cliente (ingenua): — Por vir
aqui, talvez?...

— Porque usas um chapéu tão
velho?

— Porque minha mulher decla-
rou que não sairia comigo enquan-
to eu não comprasse um chapéu
novo...

Na estação:

O empregado: — A bagagem não
pode ir na carruagem! Tem um
excesso de trinta quilos!

Ela, para o marido: — Eu não
te disse que não metesses na mala
a navalha de barba?...

Filho:

Ele: — Susceptível, eu! Mas sou
eu o primeiro a rir-me das idio-
tices que digos!...

Ela: — A sua vida deve ser mul-
to alegre!...

Cinefilo aflicto

Desde tenra idade que o Simões
se tornou frequentador assíduo do
Tivoli da Mouraria.

Entusiasmava-se imenso com os
filmes de aventuras e levava uma
educação deficiente.

Habitado a vêr no écran, entre
outros, o Polo e o Duncan, seus
actores favoritos, sentiu a influen-
cia das proesas destes artistas e o
seu maior desejo era repetir o que
os seus olhos gaiatos e sonhado-
res admiravam na tela.

Foi crescendo e, com o tempo,
aumentou essa sua predilecção
pela setima arte.

Ser actor! Ser celebre! Receder
pedidos de autografos e de retra-
tos, era o seu maior desejo.

Um dia, e isto foi ha dois anos,
Simões matriculou-se no mesmo
curso que eu frequento. Quando o
nosso professor de geografia, um
velhete com barbas postiças da cor
de linhaça, apontava no mapa as
diversas partes do globo, Simões
colocava os olhos em alvo e estes
enchiam-se dum brilho estranho
e vago. Quando era chamado, as
lições que dava contrastavam com
a maneira elevada com que ele,
a proposito e a despropósito de
tudo, nos impingia os termos tecni-
cos que decorava nas revistas da
especialidade. Outras vezes, mis-
turava os problemas de algebra
com biografias de artistas, e a te-
cnologia com caricaturas de acto-
res.

Simões tinha na America uma
tia riquissima, coisa rara neste
tempo, que se lembrou de morrer,
deixando-lhe a fortuna.

Desde então, o Simões emban-
deirou em arco e deu aos pobres a
sua roupa: dois pares de cuecas
quaternarias, um fato e um cha-
peu que estiveram em voga ha
muitos anos, etc.

Escreveu á Greta Garbo, pediu
um retrato á Renée Adorée e pas-
sou a frequentar o Tivoli da Ave-
nida.

A sua vida principiaria a desli-
sar perfumadamente se ao Simões
não faltassem alguns dos precei-
tos que o Manual da Civilidade diz
serem de boa educação. Vestiu um
fato á John Gilbert, colarinho á
Ramon Novarro e, com o bigodi-
nho á Douglas, ninguém o tomaria
pelo Simões que eu conhecera dois
anos antes. Dirigiu-se para o local
indicado.

No decorrer da projecção, o jan-
ta que tinha ingerido insubordi-
nou-se e a copa de feijão encar-
nado principiou fazendo os seus
efeitos, obrigando-o a apertar a
barriga e a fazer enormes con-
trações do rôsto.

Bastante atrapalhado, galgou
num pulo a porta, em direcção ao
corredor, e perguntou ao primei-
ro porteiro que encontrou — um
provinciano admitido ao serviço
havia três dias — onde ficava o
«reservado». O porteiro ficou em-
baraçado na resposta e voltou:

— E' o bufete que v. ex.ª pro-
cura?

Ele fez um gesto negativo com a
cabeça e o empregado, cuja placi-
dez contrastava com a impacien-
cia e gestos do Simões, disse no-
vamente:

— O vestiario? E' ali em frente...

O pobre rapaz, não podendo sus-
ter por mais tempo a pretendida
evasão dos feijões, esqueceu o local
onde se encontrava e gritou, cole-
rico, aos ouvidos do porteiro:

— Eh pá! Não é isso que eu pro-
curo! O que pretendo é um sitio
onde eu possa...

M. BENAVENTE.

BARBEIE-SE COM LAMINAS



As de mais fina tempera

O Consolador

(Adaptação)

Isto passou-se nos tempos da Restauração que, como os senhores sabem, foi uma guerra muito comprida que houve cá em casa ainda antes de nascer o meu avô torto, e cujo fim foi fornecer mais um hino às charangas e mais um feriado aos funcionários públicos, além da redenção da Patria oprimida. (Esta tirada final é de estufa e saiu-me sem eu me sentir).

Ora pois, nesses distantes tempos, os portugueses e os espanhóis não se podiam ver e quando se encontravam uns com os outros (geralmente, por causa das mósas, andavam sempre em grupos muito grandes chamados exercitos) davam pancada uns nos outros que era uma coisa de estarrecer.

O publico seguia sempre interessadissimo esses encontros, por intermedio dos placards dos jornais da epoca, e como então os portugueses ainda não jogavam o football, ganhavam quasi sempre, mesmo fóra de casa e ainda que a relva fôsse de maior idade.

Havia tambem, muitas vezes, de parte a parte, alguns estrangeiros, destes que andavam de terra em terra, a ganhar a vidinha desancando o inimigo daquele que mais dinheiro lhes desse, e apareciam sempre nos sitios onde cheirava a castanha.

Um destes era Lord Ox, espadachim loiro e bebado, que das terras do Norte viera de longada até cá, para molhar a sua sopa, a tróco de alguns cruzados que lhe faziam um arranjo. Aqui se demorara, e num intervalo da guerra aqui casara com uma guapa moça, mais idem do que ele quinze anos, possuidora de grandes dotes e dum pequeno dote, moradora em Almada e com uns tios em Lisboa, o que já era uma grande sorte.

Tinham o seu ninho em Almada, e quando cheirava a chamusco lá para a fronteira, presto abalava o nosso bife a meter-se em sarilhos para tirar dos mesmos as

sua finanças, que o alcool comprometia.

Neste estado de coisas se feriu a batalha do Ameixial, assim chamada porque de parte a parte se apanharam bastissimas ameixas, e onde o citado bife apanhou a certa altura uma destas caqueiradas que só vistas.

Perdido entre o montão, perdidos os sentidos, que depois, noite cerrada, teve grande dificuldade em encontrar sem luz, passou por morto. E, no regresso do exercito, a noticia espalhou-se tão bem espalhada que até chegou aos ouvidos da mulher.

Bem entendido, esta julgou prudente pôr-se de luto, que é uma posição que fica muito bem a uma viuva, e recebeu o mais lacrimosamente que poudo os sentidos sentimentos que lhe davam por não os podera vender.

A noticia chegou tambem ás orelhas de seus tios, que na impossibilidade de se deslocarem, encarregaram um filho de visita, a inconsolavel viuva e de lhe ofertar as mais generosas consolações do seu repertorio.

O citado e ditoso rebento era um matulão de vinte anos, verdadeiro pombo mariola, atiradço e brigão como um galo de combate. Desconhecendo a prima, esteve para mandar ao diabo as consolações e a incumbencia, só a custo se resolvendo a tomar um barco da Parceria das Caravelas Lisbonenses e a passar-se á Outra Banda.

Porém, apenas chegado, logo a sua má disposição calu por terra, com tal estrondo que até a vizinhança veio ás janelas. A prima viuva era realmente um objecto a quem só por muito mau gosto se não desejaria consolar. E devemos supôr que o rapaz na realidade não hesitara em esgotar a sua reserva de consolações, visto que, tendo ostensivamente deixado a casa de sua prima á noite, furtivamente entrara á meia noite, não voltando a sair. Devemos crêr tambem que os seus esforços fo-

ram coroados de exito, pois que nos dias seguintes a viuva inconsolavel tinha uma destas caras de consolada que até parecia a Viuva Alegre. E os dias passavam que era um consolo.

Mas nós, que sabemos tudo (o escriba e os leitores são sempre uns águias), sabemos que o borrachissimo bife não tinha conseguido morrer, mal sabendo a diferenca que isso fazia a duas ditosas creanças. E, sabendo que tinha sido dado por morto, pensou, com a sua ingenuidade de Ox predestinado, em fazer uma alegre surpresa á sua ex-viuva.

★ ★ ★

Dava meia noite e vinte e duas nas torres da cathedral de Almada quando o nosso Ox meteu a chave á porta, sem o minimo ruido, e enfiou direito ao quarto, onde esperava ver a ex-infeliz mulher orando por sua alma, lavada e ensaboadada em pranto.

Mas, oh! quadro pavoroso!... Todos os cabelos que tinha disponíveis se puzeram em sentido! No seu lugar, sobre a almofada onde ele descansava outr'ora a sua cabeça de Ox, descansava agora uma outra cabeça, cujo pescoço era rodeado pelos braços da sua fiel esposa. Horror! Agora, que ele revivera! Agora, que ele se sentia mais Ox do que nunca! Um grito de raiva desenvencilhou-se das cordas vocais e escapou-se-lhe pela garganta, esbarrando nas paredes do quarto, que o devolveram na qualidade de éco. E a este éco, a consolada viuva e o consolador riacebo despertaram de estalo.

A enrascação dos mesmos é facil de calcular por qualquer de vocês, maraus que me leem. E, no primeiro momento, ficaram petrificados, como pães com oito dias de casa.

Foi a mulher a primeira a recobrar a fala. E procurando, com a espezteza que as distingue a todas, virar o bico ao prego, rompeu:

— Milord, é isto partida que se faça? Enganar-me vilmente, fazendo-se passar por morto?... Fazer-me gastar um dinheirão em luto, chorar sem necessidade nenhuma e aceitar as generosas consolações do não menos generoso parente que tenho a honra de lhe apresentar? O seu procedimento é indigno, milord, e eu vou queixar-me ás autoridades do abuso de confiança e requerer o divorcio e uma pesada indemnização por perdas e danos!...

— Danado estar eu com perda do meu honra, e seus biltres irem indemnizar com *very much* sangue o peso que curva minha *honorable* cabeça de Ox!... — rugiu o bife. — Senhora ir passar mau bocado, mas antes deixar a mim esperar este *borrabort* em meu duridana, como um *butterfly* em alfinete! E rapou da catana com uma decisão de fazer calafrios a um alto forno.

— Isso agora, meu velho, vamos ver quem tem mais vocação para *butterfly* — retrucou o rapaz, a quem a vista do facalhão restituíra a fala e o gesto. E, de salto, aproximou-se das roupas que estavam aos pés da cama, apossou-se da sua espada e pôs-se em guarda, descalço e em fralda.

Acometeram-se com quantas ganhas tinham. Mas o rapaz, acho que percebia da poda e o lord meteu-se em pessimos lençóis, pois ao cabo de uma finta em *terça*, dois destaques em *quinta* e três envoltimentos em *sexta*, o rapaz, que queria cair a fundo na *prima*, voltou a guarda em *segunda* e trespassou o lord ao *sabado*, como se ele fôsse uma moradia de sete divisões.

Feito isto, o espadachim limpou o chanfalho á fralda da camisa e, voltando-se para a ex-viuva, disse-lhe, no tom mais compungido que encontrou em armazem:

— Desta vez, minha rica prima, creio que tenho verdadeiramente de a consolar...

CELMARNO.

O Fado do "chauffeur"

No mundo ninguém aponta o *chauffeur* quando atropela!
— Quem não sabe andar na rua deixa-se estar á janela!

Andam p'raí a dizer que és «Renault» tipo sport!
E tu deves mas é ser uma bellissima «Ford»!

O meu amor, quem te disse que eu dormi a suspirar?
Era tudo uma intrujisse, era a buzina a tocar!

Dizem ás ilhas os pais:
— Aquel' tipo é tolo ou faz-se!
Julgam que ele é um «Packard», e afinal é mas é «Nasch»!

Se te curvas, que alegria, tanto minha vista turvas,
que nessas curvas, Maria, eu estava aqui para as curvas!

Os teus olhos são dois sois e o seu encanto tal é,
que parecem dois faróis na frente dum «Chevrolet»!

Eu seria tão feliz matando meu apetite
que queria ser o «chassis» se tu fosses «Conduite»!

ANIBAL NAZARÉ.

No Salão dos Independentes



— Mas isto é um disparate. Leda teve amores com um bicho e não foi com um pato!
— Oh mamã isso era antigamente. As Ledas de hoje só tem amores com os patos...

Uma dama muito pegajosa

Era uma dama pegajosa e sorna que, quando me topava, começava que sim, que tal, que torna, e não mais me largava.
Falava das amigas, em que não ha defeito que não pegue, alimentava intrigas.

enfim... era o diabo que a carregava... Ora uma tarde caçou-me junto ao Marquês do Alegrete; in *continenti*, agarrou-me, armou em gruiha, em *eccete*, e a um por um arrancou-me os botões do meu colete.

Falou pelos cotovelos, fez-me na testa dois galos, arrepleu-me os cabelos, deu-me três ou quatro estalos e ardendo em tragicos zelos, 'sborrachou-me dez calos...

Até que eu, já moído e bem cansado de tal tagarelle, depois do haver passado um mau bocado, arrebetel e disse:

«— Perdão, minha senhora, se me despeço assim! Vocencia é decerto encantadora, mas tenho que ir fazer o que ninguém pode fazer por mim: Julia que vai morrer perante o insulto e brulha atipetente: «— Malerado! Involuntário! Ao vê-la a (na intenção, tentando que me dava quasi um bicho, apanha) do rapaz: «— Não que não pegue que o butterfly pegou, vou tirar e retrucar...»

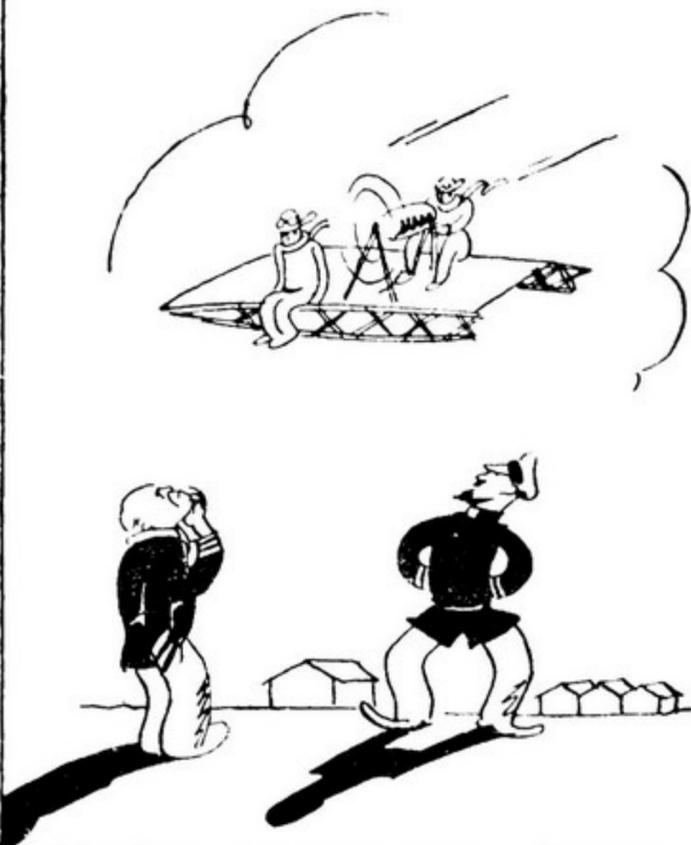
ANTONIO AMARGO.

ECOS DA SEMANA

CONSTA QUE FOI A VISITA DA SAUDE ...INTRIGAS...



A FINAL OS BLECKUMBERTO SÓ NUM BOCADINHO DE ASA DO DORNIER FIZERAM UM VIAJÃO TAL QUE ATÉ GAGO GAQUEJOU E BALBO BALBUÇIOU...



NA PRAIA DO RIBATEJO FORAM NA REDE ALGUNS ESPIRITOS QUE DARÃO A COSTA DE AFRICA



X&en

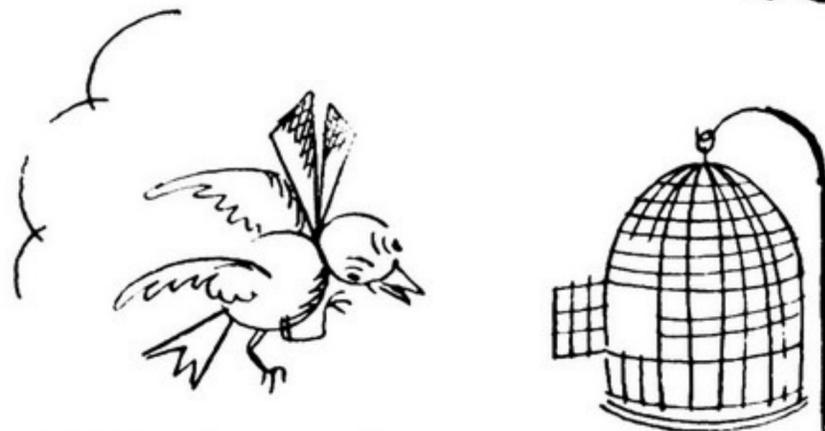
BOTEL

UMA JUNTA PATRIOTICA VAI CANALIZAR OS EMI GRANTES PARA AS COLONIAS.

AI' PA!! ANTES QUE VÃO OS POLACOS



NA FELITEIRA FOI DECLARADA GREVE AO TABACO. UNS DESMAMAM SE A PAU CACHUCHO E OUTROS SO A FORÇA DE CHUCHAREM COM UM PAU.



POR QUANTOS HAREMS TERIA ANDADO, DOIS ANOS, O CANARIO DO REI FUAD A DAR AR Á PLUMA?

